



Agroecologia no IFPR: uma análise a partir dos cursos de Tecnologia em Agroecologia

Agroecology in the IFPR: an analysis from the courses of Technology in Agroecology

ENGELMANN, Sandra¹; FLORIANI, Nicolas²

¹IFPR-Campo Largo, UEPG, sandra.engelmann@ifpr.edu.br; ²UEPG, florianico@gmail.com

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Nesse trabalho o tema abordado é a educação formal agroecológica, que vem se institucionalizando a partir dos anos 2000 no Brasil. Tema recente quando comparado com a longa trajetória da formação profissional agrícola. A propagação do conhecimento agroecológico tem ganhado espaço no campo brasileiro e sua territorialização vem acontecendo de várias formas, sendo uma delas, a criação em instituições de ensino, pesquisa e extensão de cursos formais. Nos últimos quatro anos suas ofertas cresceram 69%, em diferentes níveis (Técnicos, Superiores e de Pós-Graduação). Com objetivo de entender de que forma esta expansão esta de dando e quais os desafios encontrados no seu desenvolvimento, buscou-se através de uma pesquisa quali-quantitativa analisar a partir do olhar dos sujeitos alunos quais suas percepções em relação aos cursos de Agroecologia. O recorte espacial nesta são os Cursos de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Palavras-chave: Educação e formação; Cursos formais; Territórios de vida;

Keywords: Education and training; Formal courses; Territories of life.

Introdução

A educação formal agroecológica é um tema novo que vem se institucionalizando a partir dos anos 2000 no Brasil. Tema recente quando comparado com a trajetória da formação profissional agrícola. Essa longa trajetória dos cursos das áreas das ciências agrárias é marcada principalmente na década de 1960, pela incorporação do processo de industrialização na agricultura, denominado de modernização da agricultura, e difundido no campo através da transmissão de tecnologias oriunda do pacote da revolução verde. A partir desse período essas tecnologias serão incorporadas aos processos educativos (ensino, pesquisa e extensão) e coube à extensão rural difundir suas tecnologias para os agricultores. Assim, os cursos das ciências agrárias estão voltados a atender uma agricultura artificializada, de grande escala, intensiva em mecanização e insumos químicos. O perfil profissional que se deseja nessa formação é que sejam 'experts' em repassar modelos memorizados. Conseqüentemente, a memorização e a posterior repetição aplicada no espaço rural, geram uma educação acrítica e descontextualizada das realidades locais (SILVEIRA & BALEM, 2004).

Ao contrário desse modelo os cursos de agroecologia propõem a construção de propostas curriculares que tenham condições de atender os sujeitos do campo, baseados nas multidimensionalidades das territorialidades ao dialogar e respeitar as culturas locais. A interpretação científica e pedagógica da agroecologia traduzida em



cursos nas instituições formais de ensino, pesquisa e extensão possibilita a construção de novos 'olhares' de sujeitos (alunos) sobre as relações entre sociedade e natureza. Destarte, esses processos formativos se inscrevem nos territórios de vida dos sujeitos, a partir da perspectiva integradora da dimensão simbólica e material (HAESBAERT, 2004; PORTO-GONÇALVES, 2017).

Parte-se da compreensão que essas propostas carregam uma abordagem contra hegemônica, segundo Souza (2017), uma vez que são frutos das resistências e da contraposição do modelo de agricultura capitalista desenvolvida no campo brasileiro. Dessa forma, entende-se que a compreensão do processo de expansão da educação formal agroecológica, ultrapassa a formação meramente prática e se articula com um projeto de agricultura de forma mais ampla, como um projeto político, que fomenta a construção de um modo de vida e de habitar o espaço rural, para além da produção em que a terra, o território e a memória dos camponeses são elementos indispensáveis imbricados para se pensar a agroecologia enquanto modelo alternativo de desenvolvimento rural.

A relevância deste estudo se insere no campo da Ciência da Agroecologia que esta em processo de construção/consolidação (Norder, 2010), ressalta-se que vem ocorrendo um aumento desses cursos no país, em pesquisa realizada em 2013 por Balla, Massukado e Pimentel (2014) foram levantados à existência de 136 cursos de Agroecologia no Brasil em vários níveis de ensino, em pesquisa realizada em 2017 Engelman (2018) levantou a existência de 229 cursos, ou seja, houve um crescimento de 69% em quatro anos desses cursos nos países. Dessa forma entende-se que educação formal agroecológica é um dos caminhos para o seu fortalecimento enquanto Ciência, à medida que coloca os sujeitos estudantes, professores e agricultores em processo de reflexão e ação, diante dos processos que envolvem o aprendizado de novas formas de produzir e socializar este conhecimento.

Dentre as instituições que contribuíram com esse crescimento estão os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) que se encontram espalhados por todo o território nacional, e seu grande diferencial é a interiorização, o que possibilitou a expansão para regiões que anteriormente não dispunham de cursos profissionalizantes e superiores. Nos *Campi* desta instituição são ofertados cursos que vão do ensino básico até a pós-graduação em diferentes níveis, modalidades e regimes. No que concerne a Agroecologia na instituição foram mapeados 75 cursos em 2017, o que corresponde a mais de 30% dos cursos no país (ENGELMANN, 2018).

Metodologia

Nosso recorte de pesquisa são os Cursos de Tecnologia em Agroecologia do IFPR, foram analisadas as experiências de três cursos: dois executados pelo Campus Campo Largo e um no Campus Ivaiporã. Campo Largo possui um curso regular funcionando no campus de forma concentrada em três dias da semana e outro em parceria com movimentos sociais e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) através do PRONERA, realizado na Escola Latino Americana de



Agroecologia (ELAA), localizado no Assentamento Contestado no município da Lapa, este é realizado em regime de alternância, no qual os períodos de formação são organizados em dois tempos: Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). Em Ivaiporã o curso é regular funcionando no período noturno. Como metodologia de análise, foram aplicados questionários com 79 alunos destes cursos, destes 26 eram alunos da ELAA (4º ano), 21 eram do Campus Campo Largo (1º ano) e 32 eram do Campus Ivaiporã (2º e 3º ano). Os questionários foram aplicados nos meses de maio e junho de 2019 e continham 13 questões, entre abertas e fechadas. Neste trabalho foram abordadas somente as questões fechadas.

Resultados e Discussão

Com objetivo de entender como os cursos de Agroecologia estão funcionando no IFPR e quais os desafios encontrados pelos alunos durante este processo, propomos algumas questões para eles, que podem contribuir para responder nosso objetivo. Cabe ressaltar que os cursos de Agroecologia tem como premissa básica atender principalmente o público oriundo do Campo, esse objetivo está presente em todos os Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos (PPPCs) do IFPR, ao analisar esse dado constatou-se, que o curso que possui a maior quantidade de alunos oriundos do Campo é o da ELAA, com 92,3% dos alunos do curso, no Campus Campo Largo o percentual foi de 47,6% e em Ivaiporã foi de 40,6%.

Seguindo nesta linha os alunos foram questionados sobre suas relações com o Campo, se possuíam vínculos e redes com outros agricultores através de associações e/ou cooperativas, os alunos que possuíam a maior participação nesses espaços são os da ELAA com 61,5%, dentre os alunos do IF Campo Largo esse percentual é de 33,3% e no IF Ivaiporã esse percentual de 25%. Esses dados percentuais se correlacionam com a questão anterior sobre a origem dos estudantes.

O público dos cursos de Tecnologia em Agroecologia no IFPR é caracterizado em sua grande maioria por adultos e trabalhadores, a média de idade entre os 79 alunos participantes da pesquisa foi de 33 anos, esse público muitas vezes já possui outras obrigações ligadas à sobrevivência, encontrando dificuldades para se manterem estudando, nos cursos que tem em média três anos de duração, os alunos que relataram maiores dificuldades para se manterem estudando foram os alunos do curso da ELAA. Dentre as principais dificuldades estão as financeiras e o deslocamento para se manterem estudando no tempo escola, pois, neste curso os alunos vêm de vários estados brasileiros e países da América Latina, e recebem uma bolsa para estudar, mas as bolsas constantemente atrasavam, dificultando a manutenção dos estudantes no curso. Nos cursos do Campus Campo Largo e Ivaiporã, dentre os maiores obstáculos relatados pelos alunos estão: a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho, o deslocamento, alguns alunos vem de outros municípios e muitas vezes encontram dificuldade com os horários dos transportes e das aulas.



Outra questão levantada, foi se alunos do curso recebem algum tipo de auxílio (como bolsas de pesquisa ou extensão, auxílio transporte ou alimentação, entre outros) que contribua no processo de manutenção do estudando durante o período do curso, desconsiderando os alunos da ELAA, que recebem uma bolsa específica pelo PRONERA, no Campus Ivaiporã 46,9% dos alunos recebem algum tipo de auxílio, já em Campo Largo só 14,3% dos alunos do curso recebem algum auxílio, essa grande diferença entre os dois últimos, pode ser justificada pelo momento de cada turma, os alunos de Ivaiporã eram oriundos do segundo e terceiro ano, já os alunos do Campus Campo Largo estavam no seu primeiro ano o que dificulta muitas vezes a participação em editais de pesquisa e extensão.

Com relação à percepção dos alunos sobre o curso, em todos os casos os alunos acham que precisam ter mudanças nos currículos, o menor percentual foi no curso do IF de Ivaiporã com 65,6% e o maior foi no curso da ELAA com 80,8%. Dentre as principais mudanças, os alunos dos três cursos de Tecnologia em Agroecologia, destacaram quase que de forma unânime a necessidade de maior integração entre disciplinas teóricas e práticas, a maioria relatou que sentem falta de mais atividades práticas, o que consideram essencial neste curso. De forma mais pontual apareceram sugestões como: mudanças no formato; mudanças nos horários das aulas; maior integração com a sociedade local; mais atividades de pesquisa e extensão, etc.

Com relação à atuação profissional a grande maioria dos estudantes mais de 90%, está cursando Agroecologia porque pretende atuar na área, cabe destacar que muitos não atuarão como profissionais (técnicos), mas sim nas suas propriedades.

Conclusões

Como conclusão parcial pode-se destacar que os cursos de Tecnologia em Agroecologia ainda não conseguem atender em sua grande maioria o público da agricultura familiar em geral, apenas o curso da ELAA conseguiu atender esse objetivo, por ser uma política pública específica para o público da Reforma Agrária. Nos demais cursos o percentual não atingiu os 50% do público do Campo. Esses dados retratam que nos IFs do Paraná ainda existem muitas dificuldades que impossibilitam o acesso e muitas vezes a permanência dos alunos oriundos do Campo na instituição. Para além da permanência, os processos de entrada também poderiam corroborar para aumentar esse percentual, no Campus Campo Largo, por exemplo, os editais de seleção são diferenciados para o curso, no qual é priorizado o público da agricultura familiar, mas mesmo assim, ainda não se conseguiu atingir 50% dos estudantes na turma pesquisada. No Campus Ivaiporã o processo seletivo é comum aos demais cursos, não sendo priorizado o público do Campo. Pode-se perceber também que a origem dos alunos se correlaciona com as relações estabelecidas no Campo. Nos cursos que possuem maior número de alunos oriundos do Campo também possuem maior percentual de alunos envolvidos em redes por meio de associações e/ou cooperativas. Dentre as principais dificuldades para os alunos se manterem estudando estão principalmente às questões financeiras, as dificuldades de deslocamento, a conciliação entre estudo e trabalho. Para os alunos dos cursos de



Tecnologia em Agroecologia do IFPR um dos grandes gargalos ainda é a dificuldade de integração entre a teoria e prática das disciplinas, mas mesmo com dificuldades de várias ordens a grande maioria dos alunos, faz o curso porque pretende atuar na área, seja como técnico ou como agricultor.

Agradecimentos

Agradeço a todos os alunos dos cursos de Tecnologia em Agroecologia do IFPR que se dispuseram a participar da pesquisa.

Referências bibliográficas

BALLA, J. V.Q.; MASSUKADO, L. M.; PIMENTEL, V.C. Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.9, n.2, p. 3-14, 2014.

ENGELMANN, S. A. Expansão da educação agroecológica formal no Brasil: construindo novas territorialidades nos últimos 17 anos. **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 12, n.1, p. 22-40, 2018.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NORDER, L. A. C. A agroecologia e a diversidade na educação. **Agriculturas**, v.7, n. 4, p. 29 -33, 2010.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: CRUZ, V. do C; OLIVEIRA, D. A de. **Geografia e giro decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. P. 37-54.

SOUZA. R. da P. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.38, n.140, p.631-648, 2017.

SILVEIRA, P.R.C.; BALEM, T. A. Formação profissional e extensão rural: a incapacidade da superação do modelo agrícola. In: Encontro da sociedade brasileira de sistemas de produção, 4, 2004, Aracaju. **Anais eletrônicos...** Aracaju: 2004.